



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 1, jan.-abr. 2018

VARIAÇÃO MORFOLÓGICA: APROXIMAÇÕES ENTRE DIALETOLOGIA E DIACRONIA



MORPHOLOGICAL VARIATION: APPROACHES BETWEEN DIALECTOLOGY AND DIACHRONY

Natal Almeida Simões NETO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 07/01/2018 • APROVADO EM 05/04/2018

Resumo

O presente trabalho explora a variação morfológica nos estudos dialetológicos e nos estudos morfológicos em perspectiva histórica e/ou diacrônica. Observa-se o que tem sido analisado como variação morfológica na literatura, partindo-se de um exemplo dado por Bagno (2007, p. 40). Esse autor, dentro de uma perspectiva sociolinguística, tratou o par *pegajoso* e *peguento* como variação morfológica, pois se usam sufixos diferentes para expressar um mesmo significado. Com base nessa formulação, neste artigo, busca-se: (i) encontrar, em outros enquadres teóricos (a saber: linguístico-históricos, semântico-lexicais, gerativistas e cognitivistas), o que tem sido mencionado e/ou o que pode ser inferido a respeito da variação

morfológica; (ii) e expandir a noção de variação morfológica para outros contextos. Assim, além da variação de sufixos, são incluídos: (a) os casos de variação de prefixos; (b) os casos dos prefixos expletivos; (c) a variação da seleção dos elementos constituintes nos compostos; (d) a variação da ordem dos elementos constituintes dos compostos; e (e) a variação semântica (polissemia) que um elemento formativo pode exibir. Esses fenômenos foram analisados com base nos trabalhos de Soledade (2005, 2013), Santos (2009), Lopes (2013), Simões Neto e Soledade (2013), Moraes (2015) Freitas (2016) e Simões Neto (2016).

Abstract

The present work explores the morphological variation in the dialectological studies and the morphological studies in historical and/or diachronic perspective. Initially, we have observed what has been analyzed as morphological variation. We then begin with an exemplification of Bagno (2007, p. 40) for this phenomenon, within a sociolinguistic approach. Bagno analyzed the pair of words pegajoso and peguento as morphological variation's case, because different suffixes express the same semantic notion. Based on this formulation, this article intends to: (i) find, in other theoretical models (namely: Historical Linguistics, Lexical Semantics, Generative Grammar and Cognitive Linguistics), what has been mentioned and which can be inferred about morphological variation; (ii) and expand the notion of morphological variation for other contexts. Thus, in addition to the variation of suffixes, there will be included: (a) the cases of variation of prefixes; (b) the cases of expletive prefixes; (c) the variation in the selection of constituent elements in compounds; (d) the variation of the order in compounds; and (e) the semantic variation (polysemy) that a formative element can exhibit. These cases were analyzed from the works of Soledade (2005, 2013), Santos (2009), Lopes (2013), Simões Neto and Soledade (2013), Freitas (2016), Moraes (2015) and Simões Neto (2016).

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Variação morfológica. Linguística histórica. Dialetoлогия. Língua portuguesa.

KEYWORDS: Morphological variation. Historical Linguistics. Dialectology. Portuguese language.

Texto integral

Considerações iniciais¹

Em muitos manuais de introdução à Sociolinguística e/ou Dialetoлогия, pode-se encontrar uma menção à variação linguística, visto que esse fenômeno é o principal objeto de investigação dessas disciplinas. Sejam vistas algumas citações:



Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá o nome de “variantes”. “Variantes linguísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes, dá-se o nome de “variável linguística”. (TARALLO, 1986, p. 8).

A variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. (MOLLICA, 2003, p. 10-11).

Com tudo isso, a gente está querendo dizer que, na contramão das crenças mais difundidas, a *variação e a mudança linguísticas* é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. (BAGNO, 2007, p. 37, grifos do autor).

A partir dessas citações, pode-se observar que não há substanciais diferenças nas menções à variação linguística. Entretanto, a depender do direcionamento, os autores podem fazer categorizações diferentes desse fenômeno. Em Bagno (2007, p. 40), por exemplo, vê-se uma menção à *variação morfológica* que, nos termos do autor, aconteceria no par *pegajoso* e *peguento*, pois os sufixos *-oso* e *-ento*, em um mesmo contexto morfológico, veiculam a mesma noção semântica.

Apesar de o tratamento feito por Bagno (2007) ser bastante breve, ele merece destaque pelo fato de colocar, no âmbito da variação linguística, a variação que acontece entre formativos não flexionais, abrindo espaços para que a variação morfológica seja tratada de maneira independente da variação morfossintática.

Sabe-se que, na tradição dos estudos sociolinguísticos e dialetológicos, a morfologia flexional/morfossintaxe tem sido muito mais investigada que a morfologia derivacional. É possível notar isso, quando se compara a quantidade de trabalhos como os de Tarallo (1986) e os que integram a coletânea publicada por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), todos envolvendo aspectos relacionados à morfossintaxe, com a quantidade de trabalhos como o de Prudêncio (2001), que analisou o uso da derivação sufixal em textos orais de falantes de Salvador-BA.

Por isso, neste trabalho, pretende-se salientar algumas possibilidades do estudo da variação morfológica, para além do escopo da morfossintaxe, almejando-se também uma expansão do referido conceito, partindo da derivação sufixal e abarcando a derivação prefixal, a composição e a polissemia nas construções morfológicas, tanto sob a perspectiva sincrônica quanto diacrônica.

A fim de alcançar esses feitos, foram analisados os trabalhos como os de Soledade (2005), Santos (2009), Lopes (2013) e Simões Neto (2016), que analisaram aspectos morfolexicais do português arcaico, período da língua portuguesa que vai do século XII ao XVI; bem como o trabalho de Simões Neto e Soledade (2013), que analisaram palavras sufixadas extraídas de pesquisas

dialetológicas publicadas em atlas linguísticos brasileiros e compararam-nas com as formas encontradas por Soledade (2005).

Alguns dados coletados por Simões Neto e Soledade (2013) foram reaproveitados para novos cotejos, com os trabalhos de Lopes (2013) e de Simões Neto (2016). Além disso, fez-se uma análise da carta L15B do Atlas Linguístico do Brasil (ISQUERDO; BENKE, 2014), a fim de compará-la com alguns achados dos trabalhos de Santos (2009) e Freitas (2016).

Feitas essas considerações iniciais, o trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 1, discutem-se algumas questões relacionadas à Linguística Histórica, a morfologia do português arcaico e a dialetologia, a partir das proposições de Mattos e Silva (2008). As seções 2, 3, 4 e 5 destinam-se a apresentar aspectos morfológicos específicos, da seguinte maneira: na seção 2, explora-se a sufixação; na seção 3, a prefixação; na seção 4, a composição; e na seção 5, a polissemia. Depois disso, são apresentadas as considerações finais. Seguem-nas as referências.

1 Palavras sobre Linguística Histórica

Em *Caminhos da Linguística Histórica*, Mattos e Silva (2008) discutia bases para abordar a Linguística Histórica (LH), área da Linguística tradicionalmente conceituada como aquela que investiga a mudança em vários níveis (fonológico, morfológico, lexical, semântico e sintático). A autora entendia que os pesquisadores deveriam ir além dessa compreensão, propondo duas vertentes de LH: a *stricto sensu* e a *lato sensu*.

A categoria *stricto sensu* inclui os trabalhos que têm como objeto a mudança, logo se relaciona à definição clássica da LH. Por outro lado, a categoria *lato sensu* aborda as pesquisas que não têm a mudança como objeto de investigação, mas que trabalham com dados datáveis e localizáveis, fazem registros quase fotográficos de períodos da língua e podem fornecer diretrizes para o estudo da mudança.

No rol das pesquisas *lato sensu*, Mattos e Silva (2008) inclui os trabalhos da Dialetologia e da Etnolinguística e os seus trabalhos sobre aspectos estruturais do português arcaico (PA), como o Estruturas trecentistas, de 1989. Em linhas gerais, a categoria *lato sensu* aborda todo trabalho feito a partir de *corpora*, sejam esses de períodos mais recuados, como o PA, sejam de estágios mais contemporâneos das línguas. Para Mattos e Silva (2008), não se deve questionar a historicidade de uma pesquisa que faça uso de *corpora*, pois esses, por si só, já são históricos, uma vez que estão delimitados no tempo e no espaço.

Além do fato de serem pesquisas da LH *lato sensu*, outro aspecto que aproxima os estudos da dialetologia e do português arcaico é a possibilidade de se obterem amostras de língua um tanto diferentes das que se realizam na norma culta urbana. No caso das pesquisas dialetológicas, pode-se chegar a falantes

menos escolarizados, de comunidades rurais, que nunca tenham acessado o espaço urbano e que tenham pouco acesso a instrumentos de normatização, tais como a escola e os bens tecnológicos e culturais. Em relação às pesquisas sobre o PA, encontra-se um registro da língua anterior ao primeiro processo de normatização do português, que só se dará com o final do período. Nesse sentido, aparecem lexias que, mais tarde, desaparecerão, com o processo de fixação proposto pela norma padrão.

Autores como Simões Neto e Soledade (2013) enveredaram pela comparação entre formas encontradas no PA e formas encontradas no PB, por meio de pesquisas dialetológicas. Este artigo retomou algumas dessas observações feitas por Simões Neto e Soledade (2013), aproveitando, inclusive, o levantamento de dados feito por eles. Os dez atlas linguísticos publicados no Brasil que foram utilizados pelos autores estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Lista de atlas linguísticos brasileiros utilizados na pesquisa

Nome do atlas publicado	Autores/Organizadores	Ano
Atlas Prévio dos Falares Baianos	Nelson Rossi, Dinah Isensée e Carlota Ferreira	1963
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais	José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio	1977
Atlas Linguístico da Paraíba	Maria do Socorro Aragão e Cleusa de Menezes	1984
Atlas Linguístico de Sergipe	Carlota Ferreira <i>et al</i>	1987
Atlas Linguístico do Paraná	Vanderci Aguilera	1994
Atlas Linguístico de Sergipe II	Suzana Alice Cardoso	2002
Atlas Linguístico do Amazonas	Maria Luiza Cruz	2004
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul	Dercir Pedro de Oliveira (organizador)	2007
Atlas Linguístico do Paraná	Fabiane Altino	2007
Atlas Linguístico do Brasil	Suzana Alice Cardoso <i>et al</i>	2014 ²

Fonte: Elaboração do próprio autor.

2 Questões de sufixação: sinmorfismo e *doublets*

A sufixação é um dos processos mais produtivos na renovação do léxico da língua portuguesa. Isso talvez justifique a recorrência com que a sufixação é abordada nos estudos morfológicos. Soledade (2005) descreveu sistematicamente

o quadro de sufixos formadores de substantivos e adjetivos no PA, sendo esse um dos primeiros levantamentos sistemáticos e exaustivos da morfologia derivacional da língua portuguesa, feitos a partir de *corpora*.

Nesse trabalho, a autora destacou a etimologia, o funcionamento, os contextos formativos e os significados de cada sufixo, bem como, pautando-se nos princípios da Semântica Lexical, evidenciou um conjunto de relações semânticas que os sufixos apresentam entre si. Constatar e destacar esses trabalhos de Soledade (2005) vai de encontro ao que diz Grupo de Morfologia Histórica do Português (2014), quando esse menciona que,

[s]obre a língua portuguesa, não se desenvolveu, para além das listagens existentes nas gramáticas históricas, um estudo diacrônico de questões morfológicas, tanto em morfologia flexional, quanto em morfologia derivacional. No segundo aspecto, aliás, não há nenhum estudo sistemático e exaustivo (GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS, 2014, p.11).

No que toca às relações entre os sufixos, Soledade (2005) destacou o *sinmorfismo*. O termo é analógico ao *homomorfismo*, cunhado por Ernesto Faria, que se refere à homonímia entre morfemas, como acontece, por exemplo, entre o -s que marca plural nos nomes e o -s que funciona como desinência número-pessoal de segunda pessoa do singular nos verbos. Uma vez que a homonímia encontra correspondência no fenômeno de homomorfismo, o sinmorfismo vem a ser a sinonímia entre afixos.

Na visão de Soledade (2005), o sinmorfismo envolve formativos que possuem etimologias diferentes, representações fônicas diferentes, que, geralmente, aparecem em um mesmo contexto formativo, apresentam valores linguísticos similares, o que permite a associação entre eles, e tendem a estar em distribuição complementar.

O sinmorfismo, segundo a autora, pode ser sistemático ou parcial. Uma relação sistemática acontece entre os sufixos *-ção* (do latim *-tion*) e *-mento* (do latim *-mentu*), pois todos os significados vistos com um são vistos com o outro. No PA, para a noção de *ato, processo ou efeito de uma X*, em que X é uma ação expressa por um verbo, encontram-se formas como *informação, coroação, petição, esquecimento, pensamento e tratamento*. O aspecto da distribuição complementar justificaria, em parte, o fato de a realização de *informação* restringir **informamento*, assim como *pensamento* restringe **pensação*.

Diferentemente, com os sufixos *-ada* (do latim *-atus; -ata*), *-edo* (do latim *-etu*) e *-aria* (do latim *-aria*), acontece um sinmorfismo parcial, pois embora compartilhem o significado de *grande quantidade de X*, em que X é um substantivo, como em *dineirada, arvoredado e pedraria*, o *-edo* não apresenta o significado de *período durativo de X*, que *-ada* veicula em *jornada e noitada*, da mesma maneira que o *-ada* não apresenta o significado locativo de *lugar onde se faz X* que *-aria* apresenta em *padaria*.

Outras relações de sinmorfismo no PA destacadas por Soledade (2013) são: (i) entre os sufixos *-oso* (do latim *-osus*) e *-ento*, (do latim *-entus*), que formam adjetivos, a partir de bases substantivas, com o significado de *provido* ou *cheio de X*, como *fedorento*, *bolorento*, *saboroso* e *odorosas*; (ii) entre os sufixos *-ar* (do latim *-aris*) e *-al* (do latim *-alis*), para o significado de *qualidade relativa a X*, como em *mortal* e *vulgar*; (iii) entre os sufixos *-ense/-es* (do lati *-ensis*) e *-ano* (do latim *-anus*), para a formação de *gentílicos*, como *rromano*, *portugues* e *portuense*; e (iv) entre os sufixos *-dor* (do latim *-toris*), *-eiro* (do latim *-arius*) e *-nte* (do latim *-ntis*), para a formação de agentes profissionais, como *guardador*, *falseyro* e *combatentes*.

A questão da distribuição complementar foi sendo modalizada por Soledade em textos subsequentes. Em Almeida e Soledade (2009), listam-se os agentes profissionais do PA e aproximam-se aqueles que são formados em contextos similares. Exemplos desse trabalho são os pares *mercador e mercadeiro*, *tecedor e tecelão*, *mêdigante e mêdigo* e *mareante e marinheiro*. Em Soledade (2013), a autora analisa os *doublets*, casos em que o sinmorfismo acontece em um mesmo contexto formativo. Ao contrário do que propôs no texto de 2005, em que dizia que os sinmórficos deveriam estar em distribuição complementar, a autora, agora, passa a ver essas formas duplas como uma espécie de ratificação da aproximação semântica entre os elementos³. Nesse trabalho de 2013, a autora se volta aos nominalizadores e registra os casos de *avisamento e aviso*, *apostamento e aposto*, *ensinamento, ensino e ensinança*, *conhecimento e conheçça*, *contradiçom e contradizimento*, *mudaçom, mudamento e mudança*, *salvaçam e salvamento*, *governaçã e governança*, entre outros.

Simões Neto e Soledade (2013) observaram as relações de sinmorfismo, alomorfia e a ocorrência de *doublets*, a partir de um levantamento de formas sufixadas em algumas cartas isoléxicas de dez atlas linguísticos publicados no Brasil. Os autores chegaram a um total de 167 palavras sufixadas, com uma variedade de 30 sufixos e com uma organização em 8 grupos de afinidade semântica. Entre os sufixos mais recorrentes, estavam o *-eiro* (60), *-oso* (12), *-dor* (12), *-o* (11) e *-çã* (10). Alguns dos exemplos de *doublets* de sinmórficos e alomorfes encontrados pelos autores foram os seguintes: *ressecamento e ressecaçãu* (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul), *resguardu e resguardi* (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul), *plantador e plantadeira* (Atlas Linguísticos do Amazonas), *baguncera e baguncenta* (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul), *mexilhona e mexelenta* (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul), *olaria e oleria* (Atlas Linguístico de Sergipe), *nevoeiro e nevoada* (Atlas Prévio dos Falares Baianos; Atlas Linguísticos do Amazonas), *usuraru, uzurentu e usuravi* (Atlas Prévio dos Falares Baianos) e *tontera e tontura* (Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul).

O sinmorfismo é uma das maneiras de se abordar a variação morfológica, uma vez que envolve formas diferentes com um mesmo valor. É esse fenômeno que caracteriza o já citado exemplo dado por Bagno (2007). Os dados encontrados no português arcaico e nos atlas linguísticos brasileiros mostram que devem ser modalizadas abordagens como a de Rocha (2008, p. 111), que considera esses casos como sufixos concorrentes que incorrem no bloqueio, que seria a sumária

não existência de uma forma pela existência de outra. O que os dados do uso mostram com essas formas duplas é que a ideia de bloqueio acaba sendo muito categórica, devendo-se optar sempre pela ideia de restrição, que parece ser mais branda.

3 Questões de prefixação: sinmorfismo e expletividade

Em relação à prefixação, Lopes (2013) fez um estudo sistemático e exaustivo das formas prefixadas no PA. Além disso, com base nos trabalhos de Soledade (2005), tratou do fenômeno do sinmorfismo aplicado aos prefixos e listou algumas ocorrências de *doublets* registradas no *corpus*. Exemplos apresentados pelo autor são aqui reproduzidos:

a- ~ en- → *alomeam* (IC134⁴) ~ *enlumêada* (IB436)

des- ~ es- → *descanhho* (IC624) ~ *escambho* (IC820)

pre-2 ~ sobre- → *predictos*(IB567) ~ *sobredictos* (IB655)

so- ~ en-2 → *soterar* (IC1155) ~ *enterrar* (IC790).

(LOPES, 2013, p. 186, grifos do autor).

Os exemplos extraídos de Lopes (2013) dão conta de prefixos com etimologias diferentes. No primeiro par, há a realização de *a-* (do latim *ad-*) e de *en-* (do latim *in-*). No segundo, há a variação entre *des-* (do latim *dis-*) e *es-* (do latim *ex-*). No terceiro, variam *pre-* (do latim *prae-*) e *sobre-* (do latim *super-*). No último par, estão *so-* (do latim *sub-*) e, novamente, *en-* (do latim *in-*).

Outro fenômeno destacado por Lopes (2013) que perpassa a variação morfológica é a questão dos prefixos expletivos,

que são assemânticos, mas não deixam de possuir traços mórficos, não sendo simples próteses fonológicas eufônicas, analógicas ou antietimológicas (como em *alevantar*, *alemburar*, *alimpar*, *amostrar*, *arremedar*, *arrenegar*, *arrodear*, *esfalecer* etc.). (LOPES, 2013, p. 140, grifos do autor).

Não houve, por parte de Simões Neto e Soledade (2013), um investimento para a investigação de questões atinentes à prefixação, mas alguns dos dados levantados permitem fazer algumas conexões ou analogias. São os casos de *inuvuada* (variante de *nevoada*), *lusão~elusão* (var. de *ilusão*), *busão* (var. de *abusão*), *sistente* (var. de *assistente*), *campamentu* (var. de *acampamento*), *riscadu* (var. de *arriscado*) e *riskoze* (var. de *arriscoso*).

Nessas realizações, observam-se perdas e ganhos fonológicos no início das palavras. Obviamente, podem se tratar de processos de aférese e/ou de prótese fonológica. Entretanto, parecem interessantes os casos em que esses possíveis metaplasmos se relacionam com a morfologia, como nos casos de *campamentu*, *sistente* e *riscadu* em que, se tomada a análise diacrônica de Lopes (2013), o *a-* pode ser considerado um prefixo.

4 Questões de composição: ordem e seleção

Santos (2009) fez um trabalho sistemático e exaustivo sobre a composição sintagmática nominal no PA, considerando as seguintes configurações formativas: VN (verbo-nome), NN (nome-nome), NA (nome-adjetivo), AN (adjetivo-nome) e NprepN (nome-preposição-nome).

Em relação à variação, observa-se uma concorrência nas realizações de *fidalgo*, como se pode ver nos exemplos coletados pela própria autora:

Este rrei acrecentou muito nas contias dos **fidalgos** depois da morte d'el-rrei seu padre [CDP I.24⁵].

ca el dizem que foi mui luxurioso, de guisa que quaaesquer molheres que lhe bem pareciam, posto que **filhas d'algo** e molheres de cavaleiros fossem, e isso meesmo donas d'ordem ou d'outro estado, que nom guardava mais hûuas que outras [CDP XVI.15].

E indo seu caminho lhe veo hum **fidalgo** com recado d'el-rey alegrando-se muito com sua yda, e com hum mandado geral que aos christãos em seu reino se desse tudo de graça so pena de morte e assi se cumprio inteiramente [VFDJ 7376].

e vinha por sua aya e camareira-mor Dona Isabel de Sousa portuguesa, molher muito **fidalga**, e prudente, e de muy onesta vida [VFDJ 5296]. (SANTOS, 2009, p. 141-142, grifos da autora).

Além desse caso de variação que sinaliza a concorrência entre a forma aglutinada, conhecida no PB contemporâneo, e a forma plena, em Santos (2009), a questão da variação morfológica perpassa ainda a variação na ordem dos constituintes e na seleção desses elementos. A respeito da variação da ordem, observam-se ocorrências em compostos NA e AN.

Sobre a duvyda que se tem da concepçom de nossa senhora sancta Maria, se foy sem **pecado original**, eu tenho que ssy, por estas quatro razões [LC 137.2].



E pois specialmente foy mandado que fosse agora cellebrada, móstrasse que por o * pryvylegio que foy outorgado a sseus geeradores, que sem **original pecado** a geerassem, tal festa lhe prouve seer feita [LC 137.15].

E principalmente porque em tempo de cismas avendo mais de hum Papa como muytas vezes se vio, nam se avia de obedecer nestes reinos senam ao **Padre Sancto** de Roma [VFDJ 3159].

E porque no breve do **Sancto Padre** vinha esta palavra de “separada” tomaram o nome de “separadas”, e dahi lhe ficou atee agora [VFDJ 1306].

Mais porem fiz eu a ti, que te dei o meu **Esprito Santo**, que eles nunca poderão haver [LJA 615.21].

E o anjo lhe disse: “Maria, o **Santo Esprito** decerá em ti e a vertude do alto **Senhor** te assombrará” [LJA 555.18].

(SANTOS, 2009, p. 157-158, grifos da autora).

Os dados de Santos (2009) ainda apontam a variação na seleção do elemento constituinte não nuclear nos compostos. Alguns exemplos são:

Como ùu erege de Tolosa meteu o **Corpo de Deus** / na colmêa e deu-o aas abellas que o comessen [CSM 208.1].

Este mōesteyr’ Achelas | á nom’ e ssi é chamado; / e un capelan das *donas*, | bõo om’ e enssinado, / estava cantando missa | com’ avia costumado, / e avêo-ll’ assi: ante | que foss’ a missa fiida, / Quando [a] consumir ouve | o **Corpo de Jhesu-Cristo**, / per que o demo venzudo | foi ja por senpr’ e conquisto, / caeo dentro no caliz, | esto foi sabud’ e visto, / per un fi’ ùa aranna | grand’ e negr’ e avor[r]ida [CSM 222.26].

Esta é do **Corpo de Nostro Sennor**, que un vilão metera / en hũa sa colmêa por aver muito mel e muita cera; e ao / catar do mel mostrou-sse que era Santa Maria con seu / Fill’ en braço [CSM 128.1]. (SANTOS, 2009, p. 158-159, grifos da autora).

Contextos de variação nos elementos núcleos foram encontrados por Moraes (2015), que registrou as formas variantes *prazos partidos per abc*, *cartas partidas per alfabeto*, *cartas partidas per abc* e *estrumentos partidos per abc*.

Em relação aos atlas linguísticos, por meio dos dados encontrados por Simões Neto e Soledade (2013), não se pôde fazer qualquer aproveitamento para a análise de formas compostas, diferentemente do que acontecera com os casos de prefixação.

Não se fez, aqui, uma nova investigação nos atlas analisados por Simões Neto e Soledade (2013), mas um rápido levantamento no Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014) permitiu observar a existência da carta isoléxica *Prostituta*. Considerando a produtividade de lexias compostas com o núcleo *mulher*

para se designar a prostituta, foi elaborada, no Atlas Linguístico do Brasil, uma carta com essas formações, o que inclui *mulher da vida*, *mulher de programa*, *mulher piranha*, *mulher de vida fácil*, *mulher galinha*, *mulher de rua*, *mulher à toa*, *mulher de aluguel* e *mulher de zona*. Essas estruturas podem ser contrastadas com as composições do PA para a designação de prostituta, como *maas mulheres*, encontrada por Santos (2009), e *molher pubrica* e *molh(er) meretriz e pubrica*, encontradas por Freitas (2016).

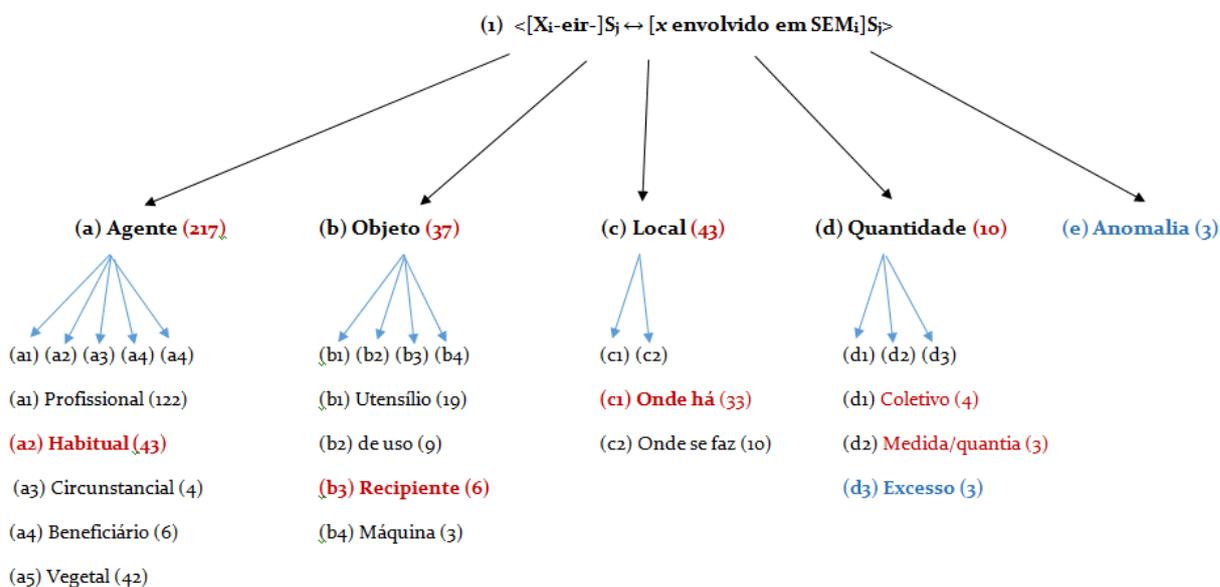
5 Questões de polissemia em formação de palavras

O último aspecto analisado neste artigo é a polissemia. Sabe-se que esse fenômeno é tradicionalmente abordado no âmbito da variação semântico-lexical, com exemplos de palavras que têm mais de um significado. Essa visão tradicional é expandida na Gramática das Construções e na Morfologia Construcional (MC), que se inserem no paradigma teórico da Linguística Cognitiva. Nessas formulações, acredita-se que a polissemia não é uma propriedade exclusiva da palavra, mas de uma rede de construções de menor ou maior complexidade. Assim, a polissemia é também possível na sintaxe e na morfologia e passa a ser sistematizada na mente dos falantes.

Em relação à MC, Simões Neto (2016) trabalhou com as construções X-eir- no PA e abordou também a construção original latina X-ari-. Neste trabalho, o autor organizou, por meio de esquemas e subesquemas, os grupos de afinidade semântica nas 4.987 realizações que formaram o corpus do português arcaico e 246 realizações que formaram o corpus da língua latina.

Sobre as construções X-eir- do PA, Simões Neto (2016) considerou cinco grupos de afinidade semântica (esquemas dominantes) e esses são subdivididos em subgrupos (subesquemas): (a) o esquema de agente inclui os seguintes subesquemas: (a1) profissional (çapateyro, celareyro), (a2) habitual (mentireiro, peideira), (a3) circunstancial (prisioneyro), (a4) beneficiário (herdeiro) e (a5) vegetal (laramgeiras, roseira); (b) o esquema de objeto se divide em: (b1) utensílio (candeeyro, tabolleyros), (b2) uso pessoal (geolheiras, cueiros), (b3) recipiente (saleyros, mealheiro) e (b4) máquina (cibeyra, pedreira); (c) o esquema de local tem: (c1) lugar onde se faz (espoojeiro, soalheiros) e (c2) lugar onde há (celeiro, graneyro); (d) o esquema de quantidade se subdivide em: (d1) coletivo (cabeleiras, cizneiros), (d2) medida/quantia (ffossadeyra, sesteyro) e (d3) excesso (chuaçeiros, nevoeiro); e (e) anomalia (olheiras, polmoeira). Esses grupos e subgrupos foram esquematizados na Figura 1.

Figura 1 – Esquema geral das construções *X-eir-* substantivas no português arcaico

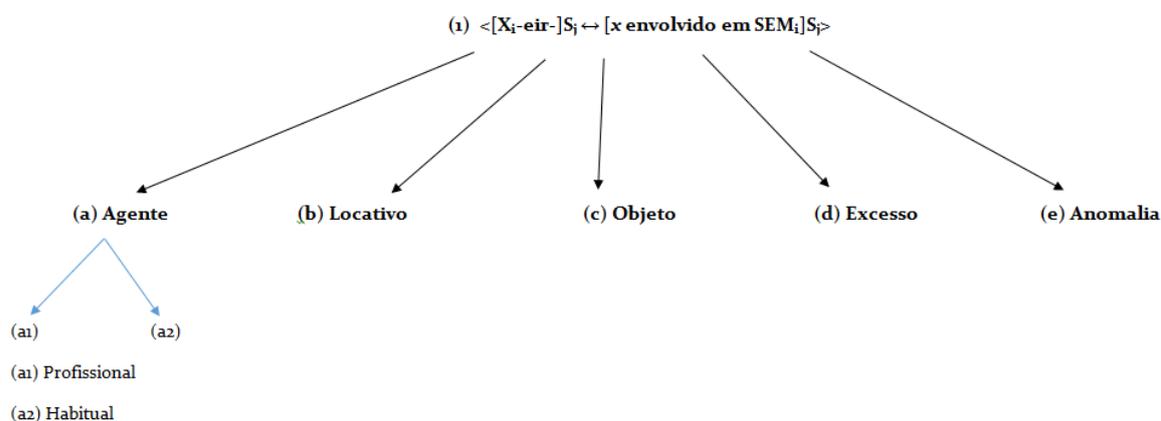


Fonte: SIMÕES NETO (2016, p. 198).

Note-se que, nessa formulação, reconhece-se a variação semântica em um torno de um mesmo elemento formativo. Por isso, pode-se falar, nesse caso, de uma variação morfossemântica sistematizada no léxico mental dos falantes, diferentemente do que acontece com Rocha (2008) que aborda os deslizamentos semânticos com o *-eir-* como homonímia.

Em relação às construções *X-eir-* nos dados dos atlas analisados por Simões Neto e Soledade (2013), admitem-se os seguintes grupos de afinidade semântica: (a) agente: (a1) *profissional* (*inxaderu, barredera, grileru*) e (a2) *habitual* (*faladera, encenqueiro, fofoqueiro*); (b) *locativo* (*viveiro, galinheiro*); (c) *objeto* (*tabuleiro*); (d) *excesso* (*nevoeiro, neblineiro, poeira*); (e) *anomalia* (*caganeira, cobreru, unheru*). Essa polissemia pode ser esquematizada como na Figura 2.

Figura 2 – Esquema geral das construções *X-eir-* nos atlas linguísticos brasileiros



Fonte: Elaboração do próprio autor.

Considerações finais

Este trabalho teve como intuito expandir a noção de variação morfológica, tirando-a do espectro da variação morfossintática e dialogando mais com o léxico e a semântica. A exemplificação de Bagno (2007) para o fenômeno, com as formas sufixadas *peguento* e *pegajoso*, serviu de norte para a investigação. A partir disso, observou-se como essa variação podia se relacionar com a sufixação, a prefixação, a composição e a polissemia morfológica do PA e do PB.

Sobre a comparação de dados encontrados em pesquisas das áreas da dialetologia e da diacronia do português, faz-se necessário destacar que, em relação aos aspectos morfológicos, esse exercício tem sido bastante salutar para entender a dimensão histórica da língua, uma vez que, nos casos aqui apresentados, os fenômenos apontaram correspondências, mesmo com a diferença temporal. Espera-se que as breves análises aqui apresentadas possam fornecer diretrizes para futuros trabalhos que explorem o tema da variação morfológica com maior detalhamento.

Notas

¹ Este trabalho é resultado do minicurso *Diálogos entre Dialetologia e Morfologia Histórica*, apresentado no XIII Workshop do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, que foi realizado na Universidade Federal da Bahia, em 2016.

² Uma observação importante: apesar de o trabalho de Simões Neto e Soledade (2013) apresentar uma datação anterior ao de Cardoso et al (2014), esse atlas foi sim utilizado como fonte de obtenção de dados pelos autores; o impasse nas datas dos trabalhos está relacionado a particularidades do periódico que publicou o artigo de Simões Neto e Soledade (2013).

³ Para que fique mais claro, no começo da sua proposta sobre o sinmorfismo, Soledade (2005) considerava que os casos de sinmorfismo envolviam distribuição complementar, ou seja, tendo os sufixos –eiro e –ista uma relação de sinmorfismo, no contexto em que há *dentista*, não há *denteiro*, da mesma maneira em que, no contexto em que há *engenheiro*, não há *engenhista*. A autora tratava isso como um princípio dessa relação morfossemântica. O fato é que novos dados e novas análises mostraram que havia alguns casos de *doublets* (formas duplas) no PA e isso fez com que a autora revisasse a questão da distribuição complementar. O fato de haver formas duplas, ou variação morfológica (BAGNO, 2007), passa a ser, para a autora, uma evidência de que esses afixos mantêm uma relação morfossemântica, e não o contrário.

⁴ As sequências alfanuméricas que aparecem nos exemplos extraídos de Lopes (2013) se referem à organização dos dados no morfemário, que constitui o apêndice da sua dissertação.

⁵ O uso de códigos alfanuméricos por Santos (2009) se refere ao documento de onde se extraíram os dados.

Referências

- AGUILERA, V. A. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALMEIDA, A. A. D.; SOLEDADE, J. Sinonímia no português arcaico: quando os morfemas criam opções lexicais. In: OLIVEIRA, K.; SOUZA, H. F. C.; SOLEDADE, J. (Org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 43-62.
- ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná – II*. 2007. 2 v. 223 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- ARAGÃO, M. S. S. de.; MENEZES, C. B. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. v. 1, 2.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- CARDOSO, S. A. M. S. *Atlas Linguístico de Sergipe II*. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002. 2v.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina (PR): EDUEL, 2014.
- CRUZ, M. L. C. *Atlas Linguístico do Amazonas*. 2004. 2 v. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.
- FERREIRA, C. et al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FREITAS, L. S. *Padrões de composição de palavras em Vidas de Santos de um manuscrito Alcobacense*. Relatório de pesquisa de iniciação científica. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 2016.

GRUPO DE MORFOLOGIA HISTÓRICA DO PORTUGUÊS. Em busca de um método de investigação para os fenômenos diacrônicos. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 11-30.

ISQUERDO, A. N.; BENKE, V. C. M. Prostituta II (Mulher...): denominações registradas nas capitais. In: CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil: Cartas linguísticas 1*. v. 2. Londrina: Ed. UEL, 2014. p. 241.

LOPES, M. S. *A prefixação na primeira fase do português arcaico: descrição e estudo semântico-morfolexical-etimológico do paradigma prefixal da língua portuguesa nos séculos XII, XIII e XIV*. 2013. 2 v. 943 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2013.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e definição. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MORAES, C. M. T. de. *Estudo de compostos e mecanismos de composição de palavras em documentos notariais dos séculos XII, XIII e XIV*. Relatório de pesquisa de iniciação científica. Salvador, Instituto de Letras da UFBA, 2015.

OLIVEIRA, D. P. (Org.). *ALMS - Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. p. 271.

PRUDÊNCIO, S. *Derivação e oralidade em falantes de Salvador*. 2001. 220 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROSSI, N.; ISENSÉE, D. M.; FERREIRA, C. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANTOS, A. V. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)*. 2009. 190 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 2 v. 655 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. Túnel morfológico: polissemia, alomorfia, sinmorfismo e doublets no português arcaico e no português brasileiro. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 47, p. 105-126, jan./jun. 2013.

SOLEDADE, J. *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. 2005. 2 v. 575f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOLEDADE, J. O sinmorfismo e os doublets no português arcaico. In: MATTOS E SILVA, R. V.; OLIVEIRA, K.; AMARANTE, J. *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 45-66.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

Para citar este artigo

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Variação morfológica: aproximações entre dialetologia e diacronia. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 1, p. 39-54, jan.-abr. 2018.

O autor

Nival Almeida Simões Neto é mestre e doutorando em Linguística Histórica pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. É bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Está como Professor Substituto da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Apoio/financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.